



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

FRANCISCO NELSON LIMA JUNIOR

**A EXPERIÊNCIA DA FINITUDE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA
CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

FORTALEZA

2020

FRANCISCO NELSON LIMA JUNIOR

A EXPERIÊNCIA DA FINITUDE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA CLÍNICA
FENOMENOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Jurema Barros Dantas.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

J1e Junior, Francisco Nelson Lima.
A EXPERIÊNCIA DA FINITUDE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA CLÍNICA
FENOMENOLÓGICA: : UMA REVISÃO INTEGRATIVA / Francisco Nelson Lima Junior. – 2020.
31 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Psicologia, Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Prof.^a Dr^a Jurema Barros Dantas.

1. Clínica. . 2. Fenomenologia. . 3. Finitude. . 4. Morte. I. Título.

CDD 150

FRANCISCO NELSON LIMA JUNIOR

A EXPERIÊNCIA DA FINITUDE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA CLÍNICA
FENOMENOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Jurema Barros Dantas (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Ma. Adryssa Bringel Dutra
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. José Alves de Souza Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A EXPERIÊNCIA DA FINITUDE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA PRÁTICA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Francisco Nelson Lima Júnior¹
Prof.^a Dr.^a Jurema Barros Dantas²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão integrativa da literatura sobre a condição de finitude e sua relação com o exercício da prática clínica fenomenológica-existencial, problematizando as possibilidades e limites dessa relação no campo de intervenção. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura a partir de pesquisas empreendidas nos seguintes bancos de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Google Acadêmico, entre os anos de 2015 a 2019. Foram selecionados 15 artigos, dentre eles: 16% publicados em 2015, 21% em 2016, 38% em 2017, 15% em 2018 e 10% em 2019. Constatou-se que a maioria das publicações são do ano de 2017. A finitude pode ser compreendida como uma condição intrínseca ao ser em sua possibilidade existencial de ser livre e mortal. Esta condição existencial da finitude e suas possíveis implicações para a prática clínica fenomenológica-existencial partem da concepção de que somente o Dasein reflete sobre sua condição existencial de finitude. Possibilitando assim um processo de ressignificação sobre a existência, e uma busca por modos de ser e estar mais singulares e reflexivos diante de sua própria facticidade. Por meio das literaturas selecionadas podemos apontar que tal relação coloca em jogo processos de singularização e possíveis apropriações dos modos particulares de correspondência às solicitações do mundo.

Palavras-chave: Clínica. Fenomenologia. Finitude. Morte.

ABSTRACT

This article aims to carry out an integrative review of literature on condition of finitude and its relationship with the exercise of phenomenological-existential clinical practice, problematizing the possibilities and limits of this relationship in field of intervention. An integrative literature review was carried out based on research executed in the following databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) and Google Scholar, between the years 2015 to 2019. 15 articles were selected, among them: 16% published in 2015, 21% in 2016, 38% in 2017, 15% in 2018 and 10% in 2019. It was found that the majority of publications are from the year 2017. Finitude can be understood as an intrinsic condition to being in its existential possibility of being free and mortal. This existential condition of finitude and its possible implications for phenomenological-existential clinical practice start from the conception that only Dasein reflects on its existential condition of finitude. Thus enabling a process of reframing about existence, and a search for ways more unique and reflective of being in face of its own facticity. Through the selected literatures we can point out this relationship brings into play

¹ Bacharelando do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

² Orientadora. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Coordenadora do Laboratório de Estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade (LAPFES/UFC), Professora Permanente do Mestrado Profissional em Saúde da Família (MPSF/RENASF).

singularization processes and possible appropriations of particular modes of correspondence to requests of the world.

Keywords: Clinic. Phenomenology. Finitude. Death.

1 INTRODUÇÃO

Pensar no tema morte na atualidade nos parece fundamental, tendo em vista a nossa inserção desenfreada em modos de ser que buscam cada vez mais a evitação da mesma. Discutir a experiência da finitude na sociedade contemporânea, explorando suas principais características de forma crítica, torna-se relevante para as ciências humanas, sobretudo, para a Psicologia. Refletir sobre o modo como experienciamos o viver e o morrer na atualidade envolve, necessariamente, discussões acerca da própria construção de nossa existência.

A finitude é entendida, na maior parte das vezes, como aquele fim mediante o qual se encerra o transcurso natural da vida. Um entendimento que, frequentemente, considera a finitude o fim de um processo físico-biológico. No entanto, iluminados pela fenomenologia existencial de Martin Heidegger, tomamos a finitude como a contingência a que está submetido tudo que vive e, por extensão, a experiência própria e radical de transitoriedade e fugacidade da existência. Muito mais do que pretender alcançar uma palavra final sobre a finitude, torna-se necessário tão somente aprender a vê-la no acontecimento da existência. Assim, compreender o modo de apropriação da finitude na contemporaneidade talvez possa trazer reflexões sobre o evidenciamento deste fenômeno e suas implicações para prática clínica.

O contexto da finitude é um tema importante para a fenomenologia, sobretudo a fenomenologia hermenêutica, onde Heidegger (2014) apresenta como uma das estruturas ontológicas o ser-para-a-morte e anuncia essa condição intrínseca ao Dasein como disposição fundamental de ser livre e mortal. Considerando que esta condição pode anunciar um processo reflexivo sobre a condição existencial da finitude e suas possíveis implicações para a prática clínica, torna-se então, questão central do presente ensaio.

A presente revisão integrativa da literatura sobre a experiência da finitude e suas implicações para a prática clínica fenomenológica foi elaborada a partir de pesquisas exploratórias bibliográficas nos seguintes bancos de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Google Acadêmico. Torna-se relevante e pertinente investigar as produções científicas sobre a temática exposta, frente a necessidade de compreender a experiência da finitude e as possibilidades e limites da prática clínica fenomenológica, tecendo assim contribuições para uma clínica psicológica que acolhe, clareia e convoca o ser-aí a pensar sobre sua existência.

Quando refletimos sobre a finitude, não de imediato relacionando-a com outros aspectos como morte, perdas e lutos, mas partindo da premissa fenomenológica, a finitude ganha dimensões múltiplas. Principalmente quando pensamos ontologicamente, o ser-aí como anunciado na obra de “*ser e tempo*” de Heidegger, como ente privilegiado que é, tem como possibilidade um processo de abertura para a questão sobre a própria finitude, sendo essa condição a “acentuação da possibilidade daquela tonalidade afetiva fundamental” (Heidegger, 2014, p.199).

Morte e finitude são fenômenos interdepende que têm conotações múltiplas que se implicam no decorrer da história. Philippe Ariès (1914-1984) mostra em suas obras como o olhar sobre a morte sofreu alterações ao longo da história. A morte na idade média era vista como a perda de um membro da comunidade e da sobrevivência da alma, já na idade moderna passou a ser vista como retorno ao estado de selvageria, provocando fascínio e também medo. Por último, na contemporaneidade, a morte é vista como uma transgressão, transformando-se aos poucos em tabu, passando a ser escondida e oculta.

Segundo Kubler-Ross (2008) sempre convivemos com a morte e o morrer ao longo da história, que continuamente tiveram um caráter sombrio e temeroso. Apesar de nos relacionarmos com a morte de modo diverso, na maioria das vezes, tem-se como objetivo central afugentá-la do nosso cotidiano, fator esse que ganha cada vez mais força na contemporaneidade em que os avanços científicos vêm contribuindo para esse velamento sobre a morte e o morrer, os transformando em verdadeiros tabus.

Na análise antológica do ser-para-a-morte traz a luz a finitude do Dasein, e como ente privilegiado entre os outros entes, único capaz de pensar e refletir sobre a finitude, o morrer e a condição existencial dessa última possibilidade em se colocar diante do ser-aí como um não-mais-poder-ser. Entretanto, “acreditamos que, apesar de seu caráter limitador, o nada imposto pela morte possibilita, ao mesmo tempo, abertura para a compreensão de novas possibilidades de sentido e diferentes formas de pensar e agir” (DANTAS,2010, pág.902). Ou seja, a finitude como condição última das possibilidades do Dasein pode promover um repensar e ressignificar, levando a uma reconfiguração da existência pelo Dasein e consequentemente dos seus modos de ser mais próprios e autênticos.

A morte de Ivan Ilitch de Tolstói (2008) é um exemplo singular na literatura de como a experiência da finitude implica várias dimensões existenciais do ser, que em vez de estar inculcado num simples findar representado pela morte traz a emergência de se pensar sobre a vida e em última instância sobre a própria existência.

De acordo com Heidegger (2014) uma análise da morte precede todas as compreensões biológicas e ontológicas da vivência de chegar ao fim, “ademais, uma psicologia do “morrer” acaba fornecendo mais soluções sobre a “vida” “dos que morrem” do que propriamente sobre o morrer” (2014, p.322). O ser-para-a-morte traz a morte como um não-poder-mais-ser colocando em evidência que todo o resto são possibilidades em que o ser-á está jogado no mundo diante da facticidade de ser livre e mortal.

A condição de finitude traz uma certa urgência não da morte, mas da vida, do tempo que ainda sobra, traçando uma nova relação com o tempo que se apresenta e se anuncia de diferentes maneiras. Onde o sujeito ao deparar-se com a condição de ser finito, em que o amanhã não se trata nada menos que uma ilusão, oportuniza uma reflexão pessoal sobre a urgência do agora possibilitando um processo de singularização e ressignificação.

Na prática clínica fenomenológica-existencial, a finitude traz a urgência de se pensar e refletir sobre condições mais próprias e autênticas de ser e estar no mundo, podendo tornar-se um momento onde a experiência de finitude e singularidade podem ser afloradas. Ou seja, a finitude ao se enunciar no campo da clínica pode ser um canal de singularização e ressignificação por meio da convocação do sujeito a refletir sobre suas condições existenciais mais próprias e autênticas.

Um olhar especial sobre a experiência da finitude e suas implicações para a prática clínica fenomenológica-existencial, problematizando suas possibilidades e limites, traz a emergência de se pensar a própria existência e da possibilidade da construção de processos mais singulares dos modos de existir e estar no mundo.

1.1 Sobre a morte e o morrer: considerações fenomenológicas-existenciais

A morte é um fenômeno intrínseco ao Dasein, posto que somente ele como ente privilegiado é capaz de refletir e pensar sobre seu não-mais-poder-ser. Porém, a morte não aponta somente para um aniquilamento da existência do Dasein nesse mundo, mas também para nossa condição de sermos finitos, da possibilidade da abertura de sentidos e de outros modos de estarmos e nos posicionarmos no mundo.

Morte e morrer guardam diferenças semânticas significativas, apesar desses fenômenos serem relacionadas cotidianamente. Por isso, o Dasein não pode ser tomado como qualquer ente intramundano, se fazendo necessário observar que sua morte não se reduz a um findar “fisiológico, biológico e anatômico”.

Nesse sentido, para além da categorização morte e o morrer enquanto fenômenos ônticos nomeáveis, datáveis, seria necessária a explicitação de um conceito existencial relativo à morte, de caráter ontológico, que viesse a dar conta do sentido dessa chegada ao fim do Dasein para além das fronteiras do mero aparecer. (NASCIMENTO; BRAGA,2018, p.244).

Segundo Nascimento e Braga (2018), ontologicamente, a experiência da morte não é compreensível ao Dasein, pois sempre ela nos chega pela morte dos outros. Mesmo assim, traz como possibilidade de uma reflexão da nossa condição existencial de não-mais-ser, onde o ser da existência sempre se encontra em jogo. Nessa perspectiva, os autores apontam “alguns fenômenos constitutivos na morte como excedente, o fim e a totalidade com vistas ao desvelamento do caráter existencial relativo ao constitutivo da totalidade enquanto chegada última na esfera das escolhas” (NASCIMENTO; BRAGA, 2018, p. 244).

O Dasein ao se encaminhar para um não-mais-ser, enquanto ser não totalizado, está condenado a *ek-sistir*, estando lançado em suas infinitas possibilidades. Por isso, ao tematizar a questão da morte e do morrer em Heidegger, intrinsecamente trazemos a questão da própria finitude que “enquanto iminente e não realizada, a possibilidade da morte carrega, paradoxalmente, a própria possibilidade de realização de qualquer outra possibilidade” (NASCIMENTO; BRAGA,2018, p.248).

Ao ocupar-se da irrefutável certeza de um fim o Dasein se antecipa e, por conseguinte, se aproxima da questão da sua própria finitude. Em que, ao tematizar sobre essa extrema possibilidade coloca em última instância o findar de todas as outras possibilidades, “desse modo, a morte desvela-se como a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável” (HEIDEGGER, 2014, p. 322). Demonstrando que o Dasein, desde sempre, já está lançado para essa possibilidade, como a última dentre tantas outras, o não-mais-poder-ser compreendida em última instância como finitude aponta para compreensão ontologicamente desta última possibilidade como disposição afetiva fundamental de abertura do Dasein diante sua existência. Essa possibilidade existencial funda-se em que a presença está, essencialmente, aberta para si mesma e isso no modo de anteceder-a-si-mesma. “O ser-para-a-morte torna-se, fenomenalmente, mais claro como ser-para essa possibilidade privilegiada da presença” (HEIDEGGER, 2014, p. 326).

No horizonte histórico, a morte tem mudado de configurações ao longo do tempo. Entre mudanças, metamorfoses e coexistências (ARIÈS, 1997), as formas como lidamos com ela na contemporaneidade ganham cada vez mais *status* de tabu (Kubler-Ross, 2008). Atualmente, a morte não encontra espaço na sociedade; isso não se dá apenas pela relação

intrínseca entre morte e angústia, mas pelo fato que ambas (morte e angústia) “[...] vão de encontro ao projeto de previsibilidade, consumo e felicidade que marca a modernidade e se intensifica em nossos dias” (DANTAS, 2010, p. 899).

O Dasein ao fugir da tonalidade afetiva do seu ser-para-a-morte encontra abrigo no impessoal. Isso se evidencia por um distanciamento em torno da questão da morte, que denota uma dificuldade na sociedade contemporânea ao lidar com a morte e por conseguinte com o morrer e a finitude. Sendo essa dificuldade velada pelos empreendimentos científicos que canalizam o projeto de dominação da natureza, onde a tecnificação da vida promete afastar do Dasein qualquer coisa que cause angústia. Por isso “a fuga e o encobrimento sistemático da experiência de nossa condição de mortais determinam o modo como cotidianamente lidamos com nosso existir e com tudo o que, a partir dele, nos vem ao encontro” (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, SÁ, 2009, p. 4).

Mas pode o Dasein fugir da angústia se refugiando no impessoal e não assumir o seu ser-para-a-morte para sempre? Feijoo (2011) ao citar Heidegger ressalta que “[...] a angústia provém da própria situação de indeterminação da existência. Situação que, a todo o momento, o ser-aí tenta obscurecer na sua cotidianidade.” Na impossibilidade de se manter em fuga diante do nada o Dasein é convocado a pensar sobre sua própria existência e suas possibilidades, pois “[...] quando na escuta da voz silenciosa, rompe a estrutura de significados mundanos, remetendo o homem para o seu poder-ser mais próprio, sua finitude, colocando-o, assim, frente a frente com sua possibilidade de escolher-se em sua singularidade” (FEIJOO, 2011, p. 48-49).

É nesse cenário histórico e fenomenológico-existencial que o ser se encontra na contemporaneidade, em que tensões existenciais colocam de um lado um Dasein em fuga de si mesmo por meio do projeto técnico-científico e do outro um Dasein que se angustia diante da facticidade de ser finito e mortal. Condição essa que sinaliza para o seu ser-para-a-morte que, como tonalidade afetiva fundamental, traz a possibilidade de afastá-lo do impessoal lançando-o num mundo onde os sentidos são indeterminados. Em última instância “a angústia, ao apontar para a negatividade originária da existência, coloca em jogo a compreensão da finitude que abre o caráter de nada da existência, do ente ontologicamente incompleto e indeterminado, desvelando o poder do mundo sobre nós” (FEIJOO, 2011, p. 49).

1.2 A condição de finitude e sua relação com a prática clínica fenomenológica-existencial

O Dasein está irremediavelmente implicado em sua finitude, mesmo com todos os desvios e fugas existenciais que se apresentam na contemporaneidade, que de certa forma vêm promovendo o velamento dessa tonalidade afetiva fundamental. Fazendo com que o Dasein busque abrigo no impessoal e fuja daquilo que é mais próprio e autêntico do seu ser-aí por meio da busca em “[...] ajustar-se a este projeto de infinitude, no qual o homem é visto como a engrenagem de uma grande máquina, passível de ser aperfeiçoado através das mais avançadas técnicas, para cumprir melhor os seus objetivos” (DANTAS, 2011, p. 901).

Entretanto, a morte traz a emergência de um fim, de perdas e sofrimentos, pois como fato concreto vivenciamos a morte e mesmo com todas as tentativas de desviar-se dela, no fundo sabe-se que é a única certeza que temos na vida. De fato, sabemos que nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos. Mas a morte não significa somente um findar, ela nos remete para uma finitude que:

[...] aponta não somente não indica propriamente a experiência ou vivência da sua limitação e contingência, mas sim o lugar, o topos, no qual e através do qual se abre a possibilidade de recolocar a questão do sentido do ser, de alguma forma livre da dominação de um determinado sentido do ser que, desde os gregos até hoje na era tecnológica, exerce o seu domínio global e globalizante (HARADA, 2015).

A condição de finitude do Dasein emergida simbolicamente por meio do ser-para-a-morte traz como possibilidade a abertura para experiências e vivências mais autênticas. Porque o Dasein diante da condição de não-poder-ser-mais abre caminho para um poder-ser, possibilitando novas configurações existenciais. Pois a morte “[...] apesar de seu caráter limitador, o nada imposto pela morte possibilita, ao mesmo tempo, abertura para a compreensão de novas possibilidades de sentido e diferentes formas de pensar e agir” (DANTAS, 2011, p. 901).

A experiência da morte que sempre é dos outros nos coloca diante da nossa própria condição de mortalidade, que dá-se por meio de sua antecipação e nossa visão como seres finitos. Com a possibilidade de assumirmos a condição de ser-para-a-morte podemos experimentar modos de ser mais próprios e autênticos, propiciando conseqüentemente um processo de singularização do sujeito perante sua existência. Pois nessa experiência “a tomada de consciência do ser-para-a-morte leva a um questionamento de todo o ser, no sentido de que o ser-humano se coloca radicalmente diante de seu ser” (WERLE, 2013, p. 110).

As experiências advindas da morte que o Dasein vivencia ao longo da vida tem caráter limitador, porque representam na maioria das vezes uma experiência de sofrimento

diante de perdas e lutos. Com o isso, o Dasein se angustia e por meio dessa angústia é deslocado e/ou convocado a pensar sobre sua própria existência, pois “a angústia é o sentimento que se abre ao meu perceptivo, me coloca diante da minha própria vulnerabilidade e me deixa escancarado na minha própria fragilidade” (ANGERAMI-CAMON, 2000, p. 33).

O Dasein diante da sua condição existencial, que na maior parte do tempo vive no mundo cotidiano da ocupação, vivencia na angústia os sentimentos de insegurança, vazio e sofrimento, demandando da clínica psicológica e conseqüentemente dos psicoterapeutas que atenuem seu sofrimento psíquico. Exigindo desses profissionais “[...] que eles o curem de alguma forma, mesmo que essa cura implique perdas tão terríveis como quando ele pede que sua liberdade lhe seja tirada. A pressa em eliminar um problema pode eliminar também uma oportunidade de crescimento” (POMPEIA; BILÊ, 2011, p. 150).

Ao contrário do que é demandado pelas pessoas que identificam na angústia algo a ser expurgado e eliminado, a prática clínica fenomenológica-existencial vê nela uma possibilidade do Dasein se oportunizar e construir modos mais próprios de se posicionar diante da vida e de si mesmo. Por isso, parte de uma concepção ontológica do ser, onde entende o ser-aí como um ser inacabado diante daquilo que ainda não é mas que pode vir a ser. Concepção importante num processo de psicoterapia, porque convoca o cliente a pensar sobre sua própria existência que está fadada à liberdade, a possibilidade e ao devir, pois:

O Dasein se caracteriza por essa abertura para o vazio das possibilidades. E essa condição de cheio de possibilidades permite que ele, apoiado nas possibilidades que são não-ser, ainda- não- ser- e não-mais-ser, ou seja, a partir disso que é o não-ser, olhe o que está sendo e avalie. Avaliar significa inscrever o real no contexto do possível. O bom e o ruim naquilo que está acontecendo é dado quando colocamos o que está acontecendo, o real, no conjunto do possível (POMPEIA; BILÊ, 2011, p. 155).

Nesse sentido, uma psicoterapia fenomenológica-existencial deve estar atenta para as questões do ser-aí e recuar diante de certas verdades constituídas, procurando suspender os *aprioris* e compreender o fenômeno parte do que se apresenta.

A prática clínica fenomenológica-existencial parte da concepção de uma psicologia sem psiquismo, em que as questões do Dasein não têm origem numa interioridade nem mesmo orgânica, apontando para a relação “ser aí/mundo” e buscando compreender hermeneuticamente as possibilidades de rompimento dos processos de aprisionamento do Dasein no impessoal. “Rompimento esse que consiste na possibilidade de diante de uma experiência limite, evocada pelas tonalidades afetivas fundamentais, suspender o poder prescritivo do horizonte hermenêutico em que estamos inseridos” (FEIJOO, 2011, p. 60).

A finitude representa essa situação limite que traz a possibilidade de rompimento das amarras do Dasein diante do impessoal. Por isso, uma clínica fenomenológica-existencial considera de fundamental importância as questões que emergem a partir da angústia do Dasein diante de sua finitude e de seu caráter de ser-para-a-morte.

Muitos entendem a prática clínica fenomenológica-existencial de forma superficial, acreditando que se limita à “compreensão dos fenômenos que se dão no existir dos pacientes” e que não promovem nenhuma intervenção transformativa, gerando muitos questionamentos. No entanto, na prática da clínica fenomenológica-existencial “a compreensão é um aspecto fundamental do existir humano, constitutivo da abertura que nós mesmos somos na condição de ser-no-mundo” (JARDIM, 2013, p. 51).

Na prática clínica fenomenológica-existencial o processo psicoterapêutico acontece em três momentos. No que concerne ao processo clínico fenomenológico existencial podemos considerar a importância da ampliação, tematização e ressignificação dos sentidos enunciados, que ocorrem por meio da compreensão da própria existência. Em que a clínica se torna um espaço onde há a possibilidade de ocorrer o encontro do Dasein com outro ser-aí em um processo de compartilhamento de mundos, à medida que existir se configura como ser-no-mundo na sua condição de abertura de sentidos em que continuamente nos vêm ao encontro os outros entes. Nessa perspectiva, a existência como Dasein é compreendida como a clareira do ser, e em sendo abertura o ente desprovido de mundo tem a possibilidade de aparecer no encontro e mostra-se em seu ser.

Segundo Jardim (2013), “para Heidegger, essa clareira somente pode ser constituída como espaço livre e aberto para as coisas se mostrarem porque, existencialmente, o ser-aí é sua abertura.” Com isso a compreensão não pode ser encarada como apenas uma elucubração simples do existir e sim de um processo inicial de ação diante do movimento de aproximação que o cliente faz sobre suas questões e que extrapola o *setting* terapêutico. Pois, “o pensamento e compreensão dos sentidos do próprio existir estão na base da possibilidade de uma ação inaugural” (JARDIM, 2013, p. 70).

1.3 Angústia, finitude e os processos de singularização: o saber fazer no campo da clínica em questão

Quando a angústia surge, experienciamos sentimentos sem causa aparente e que acarretam sintomas desconfortáveis, tais como: sensação de dor no peito, aceleração dos

batimentos cardíacos, sensação de sufocamento, inquietação e ataques de ansiedade. Sentimentos esses que não se sabe definir, nem mesmo apontar causa ou origem. Muitas vezes surgem diante de alguma perda ou luto ao longo da vida, outras vezes surgem do nada, apenas vivenciamos. A angústia tem um caráter desconhecido que ao Dasein se apresenta de forma inquietante e que denota uma imprevisibilidade do existir, indo de encontro a sociedade contemporânea que preza pelo controle de todos os sentidos da vida e que tudo ou qualquer coisa que escape é visto como ameaça. “Talvez essa seja a questão sobre a angústia: a falta de definição sobre o que iremos enfrentar e nossa impotência diante da força do desconhecido” (ANGERAMI-CAMON, 2000, p. 14).

Alguns filósofos trouxeram contribuições significativas sobre os temas, dentre eles, dois merecem destaque, Martin Heidegger e Soren Kierkegaard. Esses autores compreendem a angústia de forma distinta. “Sartre diz que Kierkegaard, ao descrever a angústia antes da culpa, a caracteriza como angústia diante da liberdade. Porém Heidegger, que como é sabido, sofreu muita influência de Kierkegaard, considera, ao contrário, a angústia como captação do nada”. (ANGERAMI-CAMON, 2000, p. 15). Angerami-Camon aponta que essas descrições sobre a angústia de Kierkegaard e Heidegger se implicam mutuamente, porém indica que para Sartre é preciso dar razão a Kierkegaard quando este distingue angústia e medo: “a angústia distingue-se do medo no que o medo é medo de seres do mundo mesmo e a angústia é angústia ante si mesmo” (2000, p.16).

O ser-aí que se angustia diante de tudo aquilo que pode provocar instabilidade e ameaçar de qualquer forma sua existência, traz em seu bojo a possibilidade da finitude. Como consequência, a angústia diante da morte demonstra sermos seres temporais, delimitados no tempo e num contexto histórico, ao contrário dos objetos que são eternos. O Dasein imerso na mundanidade cotidiana vive de forma imprópria e encobre sua condição de ser finito, consequentemente, sua tonalidade afetiva de ser-para-a-morte. Contudo, esse encobrimento não é definitivo e muitas vezes ocorrem fissuras existenciais. Quando isso ocorre “é quando o mundo se dissolve e nos revela é que compreendemos o vazio profundo de nosso próprio ser como pessoa, à medida que não estamos empenhados em um processo de escolha, isto é, deixamos de construir um mundo que pode ser considerado habitável” (ANGERAMI-CAMON, 2000, p. 29).

A finitude traz em seu bojo a possibilidade do desvelamento de mundo ao Dasein por meio da experiência da angústia que defronta o ser-aí com sua liberdade e do nada existencial. Com isso, se foge da perspectiva do senso comum que identifica na angústia algo

inquietante e/ou até mesmo patologizante que demanda cura e tratamento. Ao contrário dessa compreensão, na prática clínica fenomenológica-existencial, é por meio da angústia que se tem a possibilidade de promover a experiência da liberdade. Posto que “a apreensão de si como liberdade pela a angústia é, ao mesmo tempo, a apreensão da própria existência como movimento temporal, de fuga da identidade e dos determinismos” (CAMPOS e ALT, 2015, p. 141).

Ao fugir dos processos de identidade e determinismo contemporâneo, o Dasein se aproxima daquilo que é mais autêntico e singular da existência, pois a angústia pode promover um voltar-se para si mesmo. Onde o Dasein tem a condição de poder fugir das concepções mundanas e do mundo das ocupações, experienciando sua liberdade de decidir sobre sua própria existência como modo de abertura de sentido, processo esse que denominamos de singularização.

Segundo Dantas, Carreiro e Sá (2009), assistimos um encobrimento do Dasein de sua condição de abertura, que em alguns casos pode ter como consequência um adoecimento psíquico “enquanto restrição de sentido”. Pois, o Dasein ao reconhecer sua condição existencial de abertura e liberdade compreende que está diante de possibilidades, opondo-se assim a um projeto de segurança e previsibilidade construída por meio do mundo da técnica. Diante desses embates, que colocam em risco o projeto de controle sobre devir, a angústia é evitada a todo custo, porque é por ela que é exposta a condição fundamental do Dasein, sua condição de estar lançado no mundo no modo de abertura. As autoras ainda advertem que “o preço cobrado por essas ilusões de controle e previsão é justamente a administração impessoal da angústia em seus modos patologizados de expressão, tais como as fobias, compulsões, estados de pânico e depressão” (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO, SÁ, 2009, p. 5).

A forma como compreendemos a angústia está circunscrita e atravessada por um discurso normatizado e determinista reinante na sociedade contemporânea por meio de um projeto de controle e previsibilidade interposto pelo advento do progresso científico, que repercute diretamente na prática de clínica fenomenológica-existencial. Diante disso, dois textos de Heidegger são de grande importância para reflexões contemporâneas. Um texto intitulado de Serenidade (*Gelassenheit*) de Heidegger (2001), faz uma reflexão sobre os modos como as experiências de sentido são construídas na contemporaneidade, apontando para uma carência de pensamento que caracterizaria as sociedades da nossa época. Questões

como essas também são debatidas em um segundo texto de Heidegger “A questão da técnica”, que caracteriza duas formas de pensar, o calculante e o meditante. O pensamento calculante:

[...] é o mesmo pensamento representacional, que provoca a natureza a se desvelar enquanto objeto passível de ser mensurado, e que norteia aquilo que entendemos como técnica moderna. Este modo calculante de pensar avança progressivamente com pretensões de se tornar o único modo legítimo de pensar. Em contrapartida, Heidegger (2000) nos fala de um pensamento meditante que, em vez de pretender a aproximação com o real por intermédio do horizonte do cálculo, se propõe a outra forma de reflexão orientada para o sentido das coisas (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO; SÁ, 2009, p. 5).

De acordo com Dantas, Carreteiro e Sá (2009) o pensamento meditante aponta para o horizonte de sentidos em que o Dasein é convocado a pensar sobre sua própria existência, se desgarrando dos determinismos e sistemas de controles do mundo moderno. Pensar de forma meditante é suportar a estranheza e a disruptura, renunciando a pretensão de tudo controlar. Esse modo de pensar não implica em uma rejeição absoluta de qualquer possibilidade de utilização da técnica, mas, sim, em uma relação de maior liberdade para com ela, na qual podemos dizer sim e não, utilizando-nos dos recursos técnicos sem permitir que eles determinem a nossa essência (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO; SÁ, 2009, p.5).

Diante da concepção de serenidade e da questão da técnica percebe-se a prevalência do pensamento calculante em detrimento de outras formas de pensar, o que denota um certo velamento de formas mais próprias e autênticas do Dasein se relacionar com si mesmo e com o mundo e que podem trazer consequências para sua existência. Em síntese, pode ser resumido num ditado popular que diz: “quando a cabeça não pensa, o corpo padece”, e esse padecer se apresenta muitas vezes pela patologização da angústia e da manutenção desta por meio da impessoalidade que culmina em sintomas “como as fobias, compulsões, estados de pânico e depressão” (DANTAS; SÁ; CARRETEIRO; SÁ, 2009, p. 5).

Diante de tal cenário, faz-se necessário pensar numa prática clínica psicológica que esteja atenta a essas elucubrações e possibilite que não haja risco de naturalizar a angústia de forma patologizante, perdendo a dimensão constitutiva de sentido que oportuniza alavancar o ser-aí da sua condição fundamental de abertura e liberdade ante sua existência. A clínica psicológica fenomenológica-existencial, fundamentada nas estruturas ontológicas apresentadas pelo filósofo Martin Heidegger, nomeada de *Daseinsanalyse* ou clínica fenomenológica-existencial, fundamenta sua prática clínica numa perspectiva de pensar o ser-aí como um ente dotado de liberdade e possibilidade. Em que “a psicoterapia acompanha esse acontecer, onto e ente, no sentido de cuidado. Trata-se de uma psicoterapia que exerce o “pre-

ocupar-se”, com o psicoterapeuta participando do acontecer do cliente” (FEIJOO, 2000, p. 77).

A prática psicológica fenomenológica-existencial deve embasar sua ação “na compreensão, cuidando do acontecer, facilita o reconhecimento do sentido mais próprio ou impróprio. Assim, entrega-se o estar-aí às possibilidades mais próprias, ao mesmo tempo que se entrega o homem ao mundo, constituindo-se em estar-lançado” (FEIJOO, 2000, p. 77). Ou seja, uma prática clínica que está atenta à construção de sentido e possibilidades pelo Dasein.

2 METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão integrativa da literatura, do tipo exploratória e descritiva. Tem como objetivo selecionar, coletar dados, analisar e avaliar produções científicas que abordam um assunto comum por meio de uma questão inicial, atentos a métodos explícitos e integrativos.

A revisão integrativa, finalmente, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. O conhecimento atual sobre uma temática específica, já que é conduzida de modo a identificar, analisar e sintetizar resultados de estudos independentes sobre o mesmo assunto” (SOUZA, 2010, p. 103).

Dito isto, uma revisão integrativa sobre a experiência da finitude e suas implicações para a prática clínica fenomenológica torna-se pertinente. Esta tem como finalidade apresentar um arcabouço teórico sobre as produções científicas relacionadas à temática e tem como objetivo contribuir para formação de estudantes de psicologia, assim como de outras áreas. Além disso, visa contribuir teoricamente para profissionais interessados na temática, pois possibilita e “combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular.” (SOUZA, 2010, p. 103).

A presente revisão integrativa seguiu as seguintes etapas: 1. estabelecimento de uma pergunta de partida; 2. elaboração de procedimento de investigação nos bancos de dados e seleção dos estudos e extração dos dados; 3. síntese dos achados e elaboração da redação final.

De acordo com o itinerário metodológico, na primeira etapa, foi estabelecida a seguinte pergunta de partida: Como podemos compreender a experiência da finitude e suas

implicações para prática clínica fenomenológica, problematizando as possibilidades da intervenção no campo da clínica?

A segunda etapa foi segmentada em dois momentos. O primeiro foi constituído pela construção de procedimentos de investigação, onde optou-se por realizar a pesquisa nos seguintes bancos de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Google Acadêmico.

O momento seguinte da pesquisa em bancos de dados subdividiu-se em três partes. Na primeira parte foram levantados artigos nos bancos de dados utilizando como descritores as sentenças finitude, prática clínica e fenomenologia. A busca ocorreu no período de agosto a outubro de 2019, onde foram selecionadas produções publicadas entre os anos de 2015 e 2019, disponíveis em língua portuguesa. Foram adotados como critérios de inclusão: conter em seu texto informações sobre finitude e prática clínica fenomenológica; publicações que versem sobre a temática supracitada; e produções que respondem à pergunta de partida. Como critérios de exclusão estabeleceram-se: textos que não se enquadrem nos critérios de inclusão; textos que aparecem em repetição na busca; e produções que não respondem à pergunta de partida.

Nesse sentido descreveremos as pesquisas realizadas em cada banco de dados. Na Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) realizou-se pesquisa avançada utilizando os descritores finitude, prática clínica e fenomenologia de forma casada com o conector “AND” definido como idioma de interface o português, barra de navegação e apresentação de resumo objetivando selecionar literaturas que abordassem os descritores apontados, como resultado não encontramos nenhuma referência na pesquisa realizada nesse banco de dados.

No banco de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) realizou-se pesquisa avançada utilizando os descritores finitude, prática clínica e fenomenologia de forma casada com o conector “AND” e aplicando os filtros: coleções onde apontou-se Brasil, periódicos apontou-se todos, idioma português, anos de publicação entre 2015 e 2019 onde obtivemos que não foram encontrados documentos para sua pesquisa.

Por fim, no banco Google Acadêmico realizou-se pesquisa avançada utilizando os descritores finitude, prática clínica e fenomenologia de forma casada com o conector (e) e (+) com objetivos de selecionar publicações pertinentes a temática, aplicando-se como filtros nas

buscas publicações em língua portuguesa entre o ano de 2015 a 2019 onde obtive-se aproximadamente 1.640 resultados.

A segunda parte constituiu-se da seleção de artigos através dos títulos que apresentassem aproximação com os objetivos da pesquisa onde utilizou-se como critério semântico a seleção dos artigos com títulos que trouxesse em seu vocábulo algum significado com os descritores finitude, prática clínica e fenomenologia.

Na terceira e última parte, foi realizada a leitura dos resumos obtidos e a seleção das publicações utilizando como critério semântico a escolha de produções que versassem sobre o tema finitude, prática clínica e fenomenologia para a composição do estudo e extração de dados da presente revisão integrativa.

Na última etapa do itinerário metodológico da presente revisão integrativa da literatura, realizou-se uma síntese dos artigos selecionados e a elaboração da redação final, com o objetivo de apresentar os resultados da pesquisa, em consequente, as respostas da pergunta inicial.

3 RESULTADOS

Na presente revisão integrativa da literatura realizou-se uma pesquisa exploratória nos seguintes bancos de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Google Acadêmico.

As buscas foram realizadas em dias alternados entre os meses de agosto e outubro de 2019, utilizando os descritores finitude, prática clínica e fenomenologia. Aplicando os critérios de inclusão e exclusão, resultados significativos foram obtidos somente no banco de dados Google Acadêmico, onde inicialmente tivemos 1640 artigos como resultado da pesquisa exploratória. A partir desse montante foi realizada uma leitura de títulos com objetivo de selecionar aqueles que relacionados a temática. Após a leitura, 1562 publicações foram excluídas pela apresentação em repetição ou por não apresentarem conteúdo alinhado a pesquisa. Restando 78 artigos, estes foram analisados através da leitura integral dos resumos e selecionados de acordo que respondessem nossa pergunta de partida. Após a leitura e análise dos resumos, obtivemos como resultado 15 artigos, que constituem a presente revisão sistemática da literatura.

Dentre os artigos selecionados 16% foram publicados em 2015, 21% em 2016, 38% em 2017, 15% em 2018 e 10% em 2019. Constatou-se que a maioria das publicações são

do ano de 2017, informação relevante, pois demonstra que as discussões sobre a temática são bastante contemporâneas.

No Quadro 1 é apresentada uma síntese dos artigos selecionados para a presente revisão integrativa da literatura, constando títulos, autores, periódico e considerações temáticas.

Quadro 1 - Artigos levantados na base de dados Google Acadêmico sobre a experiência da finitude e suas implicações para a prática clínica fenomenológica. (continua)

Título do artigo	Autores	Periódico (vol., nº, pág., ano)	Considerações / Temática
Heidegger: em busca de sentido para a existência humana	BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves	Rev. Abordagem Gestalt., Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017	Apontar a dimensão do cuidado para a prática clínica
O luto como categoria diagnóstica: considerações sartrianas.	CARNEIRO, Sarah; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc	In: J.-P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea, ed. 1, p. 158-17, Via Verita, 2017	Determina que o luto deve ser considerado numa dimensão sócio histórica, trazendo reflexões sobre o luto como categoria clínica e das contribuições da fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre à abordagem do luto

Quadro 1 - Artigos levantados na base de dados Google Acadêmico sobre a experiência da finitude e suas implicações para a prática clínica fenomenológica. (continuação)

Título do artigo	Autores	Periódico (vol., nº, pág., ano)	Considerações / Temática
O acadêmico de psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação	CARNICHELI, Elaine Kezen R. Nogueira; CASARIN, Roberson G.	Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Ariquemes: FAEMA, v. 9, n. 1, 2018	Analisa as concepções de morte e morrer, a importância do profissional de psicologia nesse processo, e a formação acadêmica deste
A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista	CECCON, Neila Jucilene	Anais do EVINCI– UniBrasil, Curitiba, v. 3, n. 2, p.883-899, 2017	Diferencia morte e luto, e traz as perspectivas da abordagem humanista sobre a temática
Daseinsanalyse e psicoterapia no Brasil: uma revisão integrativa da literatura	COSTA, Breno Augusto da.	Rev. Abordagem Gestalt., Goiânia, v. 23, n. 2, p. 175-188, 2017	Apresenta a <i>daseinsanalyse</i> como escola de psicoterapia e suas possibilidades de atuação na clínica
Psicologia hospitalar e o cuidado enquanto ser para a morte: diálogo entre KUBLER-ROSS e HEIDEGGER	DIAS, Pablo Raphael Ribeiro; OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletheiro de.	Revista Eletrônica Estácio Recife. Edição Especial de Relações Internacionais e Artigos de Fluxo Contínuo. v. 5, n. 1, 2019	Expõe um diálogo entre a fenomenologia de Martin Heidegger e a perspectiva teórica da morte e morrer proposta por Kubler-Ross acerca do cuidado enquanto ser para a morte
Luto na adolescência:	DUTRA, Etelma	Anais I Mostra de Iniciação	Apresenta a concepção de luto nas

uma abordagem da psicologia da base psicanalítica e da psicologia da base existencial	Teixeira <i>et al.</i>	Científica Curso de Psicologia da FSG, v.1, n.1, 2015	abordagens psicanalítica e existencial, e como ocorre a elaboração do luto nessas perspectivas
Kierkegaard, a escola da angústia e a psicoterapia	FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de <i>et al.</i>	Psicol. Cienc. Prof., Brasília, v. 35, n. 2, p. 572-583, 2015	Expõe o conceito de angústia de Kierkegaard (1844/2010), na voz de Haufniensis, apontando para as possíveis práticas psicoterapêuticas
Dor, sofrimento e escuta clínica	FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de.	Arquivos do IPUB, v. 1, n. 1, p. 22-34, 2019	Esclarece como a questão da dor e do sofrimento é tratada na escuta clínica psicológica
A angústia de (ser) e sua interface com a existência e a morte	GUIMARÃES, O. O.; DIAS, C. C.	Psicologia e Saúde em Debate, v. 2, n. 2, p. 42-57, 2017	Destacou a angústia do ser frente a sua existência e como ele encara o fato de ser finito, bem como uma psicologia fenomenológica existencial ajuda nas elaborações mais significativas

Quadro 1 - Artigos levantados na base de dados Google Acadêmico sobre a experiência da finitude e suas implicações para a prática clínica fenomenológica. (conclusão)

Título do artigo	Autores	Periódico (vol., nº, pág., ano)	Considerações / Temática
Reflexões heideggerianas sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas	MAGLIANO, Fernando da Rocha; SÁ, Roberto Novaes de.	Arq. Bras. Psicol., Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 19-32, 2015	Analisa os pressupostos heideggerianos sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas
A finitude em Martin Heidegger e suas repercussões para a psicoterapia	NASCIMENTO, Crisóstomo Lima; BRAGA, José Olinda	Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 8, n. 2, 2018	Apresenta a concepção de finitude para Heidegger e suas possíveis implicações para a prática psicoterapêutica
A hermenêutica heideggeriana na pesquisa em clínica	REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza	Revista Pesquisa Qualitativa, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 192-211, 2018	Identifica os pressupostos da hermenêutica Heideggeriana na pesquisa e na prática clínica
A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial	SIMAN, Adriana Siman; RUCH, Carina Siemieniaco	Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017	Analisa a morte e a existência numa perspectiva fenomenológica-existencial, ressaltando a experiência de finitude e suas repercussões existenciais na vida do ser
O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação	SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de.	IGT rede, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 253-272, 2016	Define processos de luto e como a Gestalt-terapia elabora e ressignifica esse momento

Fonte: Autoria Própria.

4 DISCUSSÃO

Os artigos da presente revisão integrativa da literatura estão diretamente relacionados com a temática proposta, apontando para duas discussões que foram pertinentes e fundamentais em nossa construção teórica. Sendo a primeira sobre a experiência da finitude e a segunda sobre suas implicações para a prática clínica fenomenológica.

Sobre a experiência da finitude é possível afirmar que é um tema abordado por meio do fenômeno da morte e, conseqüentemente, ao luto. Denota-se também uma certa dificuldade na contemporaneidade das pessoas em lidar com a morte e a finitude. Para Sousa (2016), Carneiro e Boris (2017), Ceccon (2017) e Dutra et al. (2015) o processo de luto pode ser uma experiência traumática diante das perdas de pessoas importantes. Quando a morte chega e instala o luto é que são experienciadas, na maioria das vezes de forma angustiante, os sentimentos de tristeza, choro, desânimo, insônia, isolamento, desespero, irritabilidade, dentre outros sentimentos. Essas experiências colocam o ser humano diante da facticidade da vida em que “o paradigma vida e morte atormenta o homem, sendo gerador de angústias e reflexões, estudos e também negações” (SIMAN E RUCH, 2017, p.107).

Morte e finitude podem assumir diversos significados e sentidos, Sousa (2016) aborda essa questão a luz da Gestalt-terapia por meio da construção dos processos de luto e seus significados em que trata dos fatores que os influenciam, tais como: os aspectos biopsicossociais do processo de enlutamento, a elaboração do luto e suas diferentes perspectivas, e por fim, luto como contato e afastamento, destruição e assimilação. Na mesma perspectiva Carnicheli e Casarin (2018) tratam a questão da finitude por meio do luto fazendo uma articulação com a fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre, que compreende o luto “como uma construção própria, produto e produtora da liberdade individualizada e, ainda assim, universal, no sentido de que é contextualizada no meio sociocultural, no tempo histórico e na vida concreta do enlutado” (CARNICHELI e CASARIN, 2018).

Ceccon (2017) trabalha o tema da morte e do luto na perspectiva humanista. Inicialmente, faz um recorte histórico sobre a questão do luto e o significado da morte, realizando uma discussão sobre o tema luto e morte na perspectiva existencial, fenomenológica e na Gestalt-terapia. Em conclusão, o autor trata a experiência da morte, luto e finitude como um fenômeno, apontando que “ressignificar o luto é encontrar uma nova forma de conciliar a relação que se tinha com a que se tem agora e, nessa conciliação, encontrar um modo de continuar a sua própria vida” (CECCON ,2017p.896). Nesse mesmo sentido Siman e Ruch (2017) apontam que:

No momento em que o homem se dá conta de sua morte, de sua finitude, ele percebe o seu limite mais real, ele percebe que, um dia, tudo acaba. Ao mesmo tempo em que é uma constatação carregada de angústia, diante do desconhecido, também é oportunidade de muito crescimento, de envolvimento com o que se dá, com o que a vida oferece, e nesse sentido cada um pode fazer o melhor de si, simplesmente pela consciência de finitude. (SIMAN e RUCH, 2017, p.107).

A partir dessas reflexões iniciais percebemos que as questões sobre a finitude, a morte e o luto são encaradas como tabus na sociedade contemporânea. Mesmo sabendo que a morte é um processo universal e que um dia ela vai chegar, o ser humano tenta desviar-se dessa certeza afastando-se de tudo que esteja relacionado com um findar-se. Porém, “não se trata de um possível evento; trata-se de uma certeza, um acontecimento que tendemos a não falar sobre, chegamos até a rejeitar tocar nesse tipo de assunto em nossos diálogos diários” (DIAS e OLIVEIRA, 2019, p. 4).

A morte traz como possibilidade a questão da finitude, um encerramento da nossa existência que nos chega como um não poder-mais-ser. O Dasein como ente privilegiado entre os entes intramundanos é o único que reflete sobre sua morte e consequentemente sobre sua finitude, essas reflexões trazem experiências carregadas de simbologias e significações, por isso que não podem serem vistas somente por seu caráter limitador do não poder-mais-ser.

[...] enquanto fenômeno encontra-se carregada de valores e significações do ponto de vista sócio-histórico-cultural, quando encarada como um limite ajuda o homem a crescer, porém, e comumente é vivenciada como dor, perda de funções do corpo, corte e separação daqueles que se ama, solidão e tristeza (GUIMARÃES e DIAS, 2017, p. 52).

O Dasein diante da facticidade de ser mortal e finito se angustia, posto que “sendo um ser-para-a-morte a possibilidade mais própria e insuperável do Dasein enquanto projeto, pode-se dizer que toda angústia é, em última instância, angústia de morte” (DANTAS, 2011, p. 30). No entanto, assistimos certo velamento dessa tonalidade afetiva, apontado por Heidegger (1927) em ser e tempo como inerente ao Dasein, uma vez observa-se “na atualidade, fica perceptível uma negação extrema acerca do estudo destas expressões, visto que para o homem o enigma não é a morte, mas o fato dele, como sujeito, morrer, pois tal realidade gera angústia, medo e desconforto” (CARNICHEL e CASARIN, 2018, p. 302).

Na sociedade contemporânea a experiência da finitude traz a emergência de se pensar sobre a angústia e de como ela é experienciada pelo Dasein. Percebe-se que a angústia ganha cada vez mais caráter patologizante na contemporaneidade, requerendo cuidados e tratamentos de profissionais da psicologia. Diante desse cenário, muitas vezes, a psicologia é

convocada para dar suporte a demandas ligadas a morte em que o “ [...] o trabalho do psicólogo diante da morte é de fundamental importância, pois consiste em propiciar uma atmosfera acolhedora àquele que precisa e queira falar sobre seus medos e dificuldades perante o processo de morte e morrer” (CARNICHELI e CASARIN, 2018, p. 302). Todavia, o papel da psicologia não se resume em apenas acolher, mas sim de promover um espaço para onde o Dasein é convocado a pensar sobre sua condição de liberdade possibilitando a construção de modos mais singulares e autênticos de existir.

Num segundo momento da presente revisão integrativa da literatura os artigos selecionados possibilitaram-nos a compreender as experiências da finitude e suas implicações para a prática clínica fenomenológica-existencial. Problematizando as possibilidades e limites da intervenção no campo da clínica.

Depreendemos que a finitude é vivenciada na maioria das vezes e/ou quase sempre por meio da angústia, o que cotidianamente é visto como algo desconfortável e ameaçador. Porém na clínica fenomenológica existencial a angústia ganha tonalidade positiva, cabendo a “[...] psicologia como a ciência mais apta a lidar com este espaço de angústia, com este interlúdio, uma vez que nesta área não cabe teorizações, mas a sustentação deste espaço onde ‘tudo é possível’” (FEIJOO et al., 2015). Nessa perspectiva a angústia advinda da experiência de finitude, na prática clínica fenomenológica-existencial, traz a possibilidade da construção de um espaço para abertura de sentido e outros modos de ser e estar no mundo do ser-aí. Onde “podemos dizer que a angústia é um convite à singularização na medida em que remete o Dasein ao seu poder-ser mais próprio. Interpela-o em sua possibilidade de escolher a si mesmo, assumindo-se na sua escolha” (DANTAS, 2011, p. 28).

Na clínica, a angústia aparece por meio da dor e do sofrimento. Feijoo (2019) aponta que a clínica é um espaço de escuta em que a dor e o sofrimento aparecem. Em seu artigo “Dor, sofrimento e escuta clínica” partem reflexões sobre o luto para tratar essa temática e aponta que a prática clínica ao estabelecer distinção entre dor e sofrimento é um espaço potente. “Isso porque acreditamos que a dor como algo que afeta a pessoa de modo radical, pode mobilizar a possibilidade de transformação” (FEIJOO, 2019, p. 27).

A prática clínica psicológica, como espaço de atuação, é povoada por diversas perspectivas que alinham teorias e pesquisa na construção de métodos que são tomados por meio de sua aplicabilidade. Entretanto, a prática clínica fenomenológica-existencial não parte da aplicabilidade teórica de métodos psicológicos na realidade, mas de “um caminho que se faz no próprio caminhar” (REBOUÇAS e DUTRA, 2018, p. 203).

Assim, a prática clínica fenomenológica-existencial, ao contrário de outras práticas clínicas psicológicas, não parte de técnicas e/ou procedimentos terapêuticos. Pois tem como fundamento aproximar um pensamento filosófico de uma prática clínica psicológica, em que não se tem como objetivo “[...] erigir um novo procedimento terapêutico que substitua as técnicas oriundas das teorias psicológicas, mas tão somente abrir a possibilidade de considerá-las em uma perspectiva mais ampla, promovendo um relacionamento mais livre para com estas” (MAGLIANO e SÁ, 2015, p. 21).

Nessa perspectiva Costa (2017) aponta uma prática clínica psicológica de caráter fenomenológico-existencial como sendo a *daseinsanalyse*, psicoterapia criada por Medard Boss que tem como base o pensamento de Heidegger e como horizonte terapêutico o desvelamento de sentido. Levando assim o cliente a vislumbrar sua condição de liberdade existencial por meio de uma postura clínica que convoca o Dasein a pensar, refletir e agir numa reelaboração das suas condições existenciais.

Como dito acima, a prática clínica fenomenológica-existencial não se constitui como um conjunto de técnicas estruturadas para “dar conta” das questões que o Dasein traz. Mas aponta para uma psicoterapia considerando a crítica heideggeriana sobre a técnica, propondo uma prática clínica onde “[...] a condição de possibilidade do cuidado psicoterapêutico não estaria no conhecimento sobre as determinações causais internas ou externas que condicionam a vida psicológica, mas, sim, na compreensão da essência do existir humano como mero poder-se, abertura de sentido, liberdade” (MAGLIANO e SÁ, 2015, p. 30).

Neste sentido, as práticas clínicas de ordem terapêutica na psicologia inspiradas pelo pensamento fenomenológico suscitado por Martin Heidegger, e estruturado por ele com Medard Boss e que se anuncia com *daseinsanalyse* busca desconstruir a histórica objetivação técnico-calculante da prática clínica e aborda o fenômeno da existência deste ente singular que somos comprometidas com o seu modo mais essencial, um ser-no-mundo originariamente finito e em permanente mudança jamais sendo passível de ser abarcada por representações arbitrárias e totalizantes de seu modo de ser. (NASCIMENTO e BRAGA, 2018, p. 249).

Braga e Farinha (2017) enfatizam a possibilidade de uma clínica de caráter fenomenológico existencial sem a classificá-la como *daseinsanalyse*, mas trazendo pressupostos similares ao apontar uma prática clínica que se baseia na análise do Dasein segundo o entendimento heideggeriano, que compreende a prática clínica fenomenológica-existencial como prática do cuidado. Onde, “aponta-se para a importância da dimensão do cuidado enquanto essência mesma do exercício clínico no aí compartilhado entre terapeuta e cliente, já que consiste na interrogação pelo sentido de ser frente à trajetória existencial como

via promotora de abertura para novas possibilidades de ser” (BRAGA e FARINHA, 2017, p. 45).

Como exposto anteriormente percebe-se que os autores apontam que as possibilidades de intervenção no campo da clínica se dão à luz do pensamento filosófico de Martín Heidegger, manifestadas por meio de práticas clínicas nomeadas de fenomenológicas-existenciais e/ou *daseinsanalyse*. Estas partem do mesmo princípio para qual seja a análise do Dasein, que não advém de uma técnica e/ou procedimentos terapêuticos, mas ocorrem por meio do desvelamento de sentidos e do tripé: pensar, refletir e ação.

Compreendendo que a experiência da finitude e suas implicações para prática clínica fenomenológica traz a urgência da condição de não mais estarmos aqui e de uma nova relação com o tempo que se apresenta e se anuncia de diferentes maneiras na prática clínica. O espaço clínico traz a possibilidade de uma reflexão em que o Dasein ao se deparar com a sua condição de ser finito e que o amanhã nada mais é que uma ilusão, traz a urgência do agora, e com isso a possibilidade de processos de singularização e ressignificação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão sem, contudo, esgotar todas as análises possíveis sobre a experiência da finitude e suas implicações para prática clínica fenomenológica, podemos apontar que as literaturas pertinentes a temática trazem, primeiramente, a experiência da finitude relacionada as questões de luto e de morte. Por conseguinte, traz as formas como essa experiência é vivenciada, que na sua maioria das vezes se dá por meio de sofrimento em relação a perda de entes queridos e/ou de perdas cotidianas.

A dor e o sofrimento advindos do luto e da morte são experienciados continuamente pelo Dasein por meio da angústia que cotidianamente ganha cada vez mais um caráter patologizante demandando tratamento e cuidados. A angústia na perspectiva fenomenológica-existencial é potencializada no sentido de convocar o Dasein a experienciar sua condição de liberdade diante a facticidade da vida de ser livre e mortal.

No tocante as implicações da experiência da finitude para prática clínica fenomenológica-existencial os achados da presente revisão integrativa da literatura indicam que essa clínica está atenta as implicações advindas da dor e do sofrimento em relação a finitude, se propondo a ver na angústia não somente pelo seu caráter limitador e sim como

uma possibilidade de convocação do Dasein a pensar sobre sua própria existência e sua condição de liberdade.

As possibilidades de uma clínica fenomenológica-existencial se dão pela transposição do pensamento filosófico de Martín Heidegger no campo da clínica psicológica. Transposição essa que tem como precursores Ludwig Binswanger e Medard Boss, e como principal característica ser uma clínica psicológica que não advém de técnicas e/ou procedimentos terapêuticos, mas sim da possibilidade da construção por meio do encontro de um ser-aí com outro ser-aí de modos mais próprios e autênticos.

A clínica fenomenológica pode ser um espaço onde esta condição existencial da finitude e suas possíveis implicações para a prática clínica fenomenológica-existencial podem ser vivenciadas. Pois parte da concepção que somente o Dasein reflete sobre sua condição existencial de finitude, possibilitando assim um possível processo de ressignificação sobre a existência e uma busca por modos de ser e estar mais singulares e reflexivos diante de sua própria facticidade. Por meio das literaturas selecionadas podemos apontar que tal relação coloca em jogo processos de singularização e possíveis apropriações dos modos particulares de correspondência às solicitações do mundo.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Paradoxo, Angústia e Psicoterapia**. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. *Angústia e psicoterapia*. São Paulo: casa do Psicólogo, 2000.

ARIÈS, P. **O homem perante a morte**. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, v. I e v. II, 1997.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2020.

CAMPOS, Carolina Mendes; ALT, Fernanda. **Reflexões sobre o Imediatismo Contemporâneo na clínica de inspiração sartriana**. In: ALVIM, Mônica Botelho; CASTRO, Fernando Gastal de. (org.). *Clínica de situações contemporâneas: Fenomenologia e Interdisciplinaridade*. Curitiba: Juruá, 2015.

CARNEIRO, Sarah; BORIS, Georges Daniel Bloc. **O luto como categoria diagnóstica: considerações sartrianas.** In: SCHNEIDER, Daniela Ribeiro; CASTRO, Fernando Gastal de; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. J.-P. Sartre e os desafios à psicologia contemporânea. São Paulo: Via Verita, p.158-17. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/320297780>. Acesso em: 28 out. 2019.

CARNICHELI, Elaine Kezen R. Nogueira; CASARIN, Roberson G. O Acadêmico de Psicologia, a morte e o morrer: A relevância dos temas na formação. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente.** Ariquemes: FAEMA, v. 9, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/POSITIVO/Downloads/516-Texto%20do%20artigo-1928-1-10-20180411.pdf>>. Acesso em: 28 de out. de 2019.

CECCON, Neila Jucilene. **A morte e o luto na perspectiva da psicologia humanista.** Anais do EVINCI– UniBrasil, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 883-899, 2017. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisvinci/article/view/3181/3048>>. Acesso em: 25 out. 2019.

COSTA, Breno Augusto da. Daseinsanalyse e psicoterapia no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Abordagem Gestalt.**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 175-188, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2020.

DANTAS, Jurema Barros. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **Estud. Pesqui. Psicol.**, v. 10, n. 3, p. 898-910, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 out. 2019.

_____. **Angústia e existência na contemporaneidade.** Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2011.

DANTAS, Jurema Barros; SÁ, Roberto Novaes de; CARRETEIRO, Teresa Cristina O. C. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 1-9, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 dez. 2019.

DIAS, Pablo Raphael Ribeiro; OLIVEIRA, Vanessa Souza Eletheiro de. Psicologia hospitalar e o cuidado enquanto ser para a morte: diálogo entre Kubler-Ross e Heidegger. **Revista eletrônica Estácio Recife.** Edição Especial de Relações Internacionais e Artigos de Fluxo Contínuo. v. 5, n. 1, 2019.

DUTRA, Etelma Teixeira et al. **Luto na adolescência: uma abordagem da psicologia da base psicanalítica e da psicologia da base existencial.** Anais I Mostra de Iniciação Científica Curso de Psicologia da FSG, 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/4a32/888d5d807a5d892cd3d39f56a070d02a5e23.pdf?_ga=2.115759430.1954961757.1590666349-642455913.1590666349>. Acesso em: 28 mai. 2020.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo de. **A angústia**: das reflexões de Kierkegaard e Heidegger à Psicoterapia. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. Angústia e psicoterapia. São Paulo: casa do Psicólogo, 2000.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo de. **A existência para além do sujeito**: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamento fenomenológico-existencial. 1ª.ed., Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de, et al. Kierkegaard, a Escola da Angústia e a Psicoterapia. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 572-583, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200572&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2020.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **Dor, sofrimento e escuta clínica**. Arquivos do IPUB, v. 1, n. 1, p. 22-34, 2019. Disponível em: <<https://www.ipub.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/04/v1n1a03.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

GUIMARÃES, O. O.; DIAS, C. C. A angústia de (ser) e sua interface com a existência e a morte. **Psicologia e Saúde Em Debate**, v. 2, n. 2, p. 42-57, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2N2A3>>. Acesso em: 28 out. 2019.

HARADA, H. A finitude humana: o homem, um ser-para-a-morte. **Rev. Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 53-65, 2015. Disponível em: <<https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/viewFile/4/4>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 9 ed., Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.

_____. **Serenidade**. 1ª ed., Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2001.

JARDIM, Luís Eduardo França. **Ação e compreensão na clínica fenomenológica existencial**. In: EVANGELISTA, Paulo Eduardo R.A. (org). Psicologia fenomenológica existencial: possibilidades da atitude clínica fenomenológica. 1ª ed., Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes. 9ª.ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

MAGLIANO, Fernando da Rocha; SÁ, Roberto Novaes de. Reflexões heideggerianas sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas. **Arq. Bras. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 2, p. 19-32, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2020.

NASCIMENTO, Crisóstomo Lima; BRAGA, José Olinda. A finitude em Martin Heidegger e suas repercussões para a psicoterapia. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em:

<<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2862/1645>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

POMPEIA, João Augusto; BILÊ, Tatit Sapienza. **Os dois nascimento do homem**: escritos e educação na era da técnica. 1ª ed., Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. A hermenêutica heideggeriana na pesquisa em clínica. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 192-211, 2018. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/183>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

SIMAN, Adriana Siman; RUCH, Carina Siemieniaco. A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Fac. Sant'Ana em Revista**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017. Disponível em: <<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fst/index>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

SOUSA, Luiza Eridan Elmiro Martins de. O processo de luto na abordagem gestáltica: contato e afastamento, destruição e assimilação. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 253-272, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 mai. 2020.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

TOLSTÓI, L. **A morte de Ivan Ilitch**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3lx8ykoeiGgC&oi=fnd&pg=PA7&ots=aL7234n-Yo&sig=Ch2Iak4SSrjaDfLA81XS877DABs&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 mar. 2020.

WERLE, Marco Aurélio. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**. Marília, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732003000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 dez. 2019.

